

JOHNNY GUITAR / 1954

(Johnny Guitar)

um filme de Nicholas Ray

Realização: Nicholas Ray / **Argumento:** Philip Yordan e (não creditado) Nicholas Ray, baseado no romance homónimo de Roy Chanslor / **Fotografia:** Harry Stradling / **Direcção Artística:** James Sullivan / **Décor:** Edward G. Boyle e John McCarthy Jr / **Guarda-Roupa:** Sheila O'Brien / **Música:** Victor Young / **Canção:** "Johnny Guitar", letra e música de Victor Young e Peggy Lee, interpretada por Peggy Lee / **Montagem:** Richard L. Van Enger / **Efeitos Especiais:** Howard Lydecker e Theodore Lydecker / **Som:** T.A. Carman e Howard Wilson / **Interpretação:** Sterling Hayden (Johnny Guitar), Joan Crawford (Vienna), Mercedes McCambridge (Emma), Scott Brady ("Dancing Kid"), Ben Cooper (Turkey), Ernest Borgnine (Bart Lonergan), John Carradine (Tom), Ward Bond (John McIvers), Royal Dano (Corey), Frank Ferguson (o xerife), Paul Fix (Eddie), Rhys Williams (Mr. Andrews), Ian MacDonald (Zeke), Will Wright (Ned), etc.

Produção: Herbert J. Yates para a Republic / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, tricolor, legendada em português, 108 minutos / **Estreia Mundial:** 27 de Maio de 1954 / **Estreia em Portugal:** Cinema Condes, a 28 de Janeiro de 1955 / **Reposição comercial:** Cinema Império, a 7 de Agosto de 1968.

"Aquele que por uma vez compreendeu o que é a recordação. mantém-se por toda a eternidade prisioneiro de um só e mesmo recordar". A citação é de Kierkegaard, tem que ver com a diferença proposta por esse autor no *Banquete*, entre lembrar e recordar e servi-me dela há quase cinquenta anos para defender que o cinema de Nick Ray é um *cinema de recordação*.

Há quase cinquenta anos escrevia-se assim (e cito Alberto Vaz da Silva): *"Numa roda de homens pergunta-se o nome de um recém-chegado - Johnny (pesado intervalo) Guitar. Há um outro presente chamado Kid the Dancer - Can you dance - Can you play? Desafio ou: What on earth... ou What do you... ou: interminável, num espaço aberto.*

Numa total solidão, em grandes planos, Johnny e Vienna ferem-se e desejam para lá de tudo encontrar e esquecer. Em completa imobilidade, a despropósito, Sterling Hayden diz: 'Don't go away'. Joan Crawford só e parada responde: 'I haven't moved'.

A câmara é um microscópio que detecta a melodia do olhar escreveu Nick Ray. Ou a passagem para a metafísica. I haven't moved... em vagarosa frase.

Emma e Vienna, no tiroteio final ao longo de uma varanda, de revólveres apontados, livres e em frente, param largos segundos (ou minutos) antes do tiro. Aqui tudo se concentra: as pessoas são ultrapassadas e tudo (o que são e o que há por cima delas) cai sobre.

Todo o tempo num só hiato: o cinema de Nicholas Ray."

Há mais de cinquenta anos. Os textos citados são de 1959. Mas assim se escrevia nos anos 50, no tempo de **Johnny Guitar**, nos tempos em que Belmondo louvava a "baby-sitter" que tinha ido ver o filme: *"Il faut qu'elle se cultive"*.

Hoje, como se escreve? O que se aprende? Aprende-se, por exemplo, que, quando Sterling Hayden pergunta a Joan Crawford *"How many men have you forgotten?"*, Crawford não lhe responde com outra pergunta *"How many women do you remember?"* mas lhe pega na palavra e diz *"As many as you remember"*. Ou será *"as many as you. Remember"*. Aprende-se, por exemplo, que Turkey não morre da dividida fidelidade a Vienna e ao Kid, mas da impossibilidade de se fixar (como o Plato de **Rebel Without a Cause**) nos anos, meses ou dias que não se vêem no filme, em que ganhou aquele olhar, quando viveu só com os dois, e ainda não tinha chegado o Guitar. Por isso desata a disparar, depois de ser obrigado a escolher entre o "Dancing Kid" e Vienna e depois de lhe ter dito *"You'll miss me"*. Por isso o homem que entrou com a música (a memória) naquele espaço de recordações (Guitar, obviamente) lhe responde com tiros ainda mais violentos, justificando-se depois ao dizer que *"tive a impressão que o miúdo ia deitar a casa abaixo"*. Antes, já ele fizera isso e destruíra muito mais que os amores e traições de Turkey, eco dos outros e das outras, só novos porque tudo de novo se responde e se pergunta.

Em eco também, Vienna devolve a Guitar as "mentiras" que este lhe pede. *"Diz-me que estiveste todos estes anos à minha espera"* - *"Todos estes anos estive à tua espera"*. *"Diz-me que morrias se eu não voltasse"* - *"Morria se tu não voltasses"*. *"Diz-me que gostas de mim como eu gosto de ti"* - *"Gosto de ti como tu gostas de mim"*. Fim dos planos americanos, fim dos campo-contra-campos, Johnny procura o copo, agarra nele e levanta-se. Bebe dum trago. Mas o copo vai voar longe (atirado por Vienna) e ouvimo-lo partir-se em *off*. *"Stop your self-pity"*. E já não há eco ou silêncio possível, apesar de Johnny não querer ouvir. E só mais tarde (ligeiro *plongé* sobre Johnny, como antes do plano do copo houvera um ligeiro *plongé* sobre Vienna), Joan Crawford diz *"I've waited for you, Johnny"*.

No **Petit Soldat**, Godard plagiou esse diálogo, passando-o à negativa (*"Dis-moi que tu ne m'aimes plus - Je ne t'aime plus"*). Será a mesma coisa? Aparentemente é, mas no fundo julgo que não.

A mesma coisa (e são tão diferentes) é só o amor (ou a paixão) de Vienna pelo Guitar. Do Kid por Vienna e por Turkey. De Turkey pelo Kid e por Vienna, ou de Tom por Vienna (*"You'll have done the same for me"* - teria mesmo?). Tantos amores, quantas mortes.

Há a morte do irmão de Emma, vista no início e de tão longe, quando ainda nem sequer sabemos que no homem que matou se concentrava todo o desejo dela; há as mortes simultâneas de Carradine e do xerife (Carradine atingido dispara sobre o xerife, que era o único a não dever ser abatido); há a morte do miúdo a quem Crawford deu uma resposta torta quando ele lhe perguntou a única pergunta capital, e que morre, *"like a kid"*, no cavalo e na forca, pedindo que lhe cumpram a promessa.

Há a morte de Corey (para quem as coisas não faziam o mesmo sentido) com uma facada nas costas; há as mortes de Borgnine e McCambridge rolando interminavelmente pelas encostas abaixo.

Há a morte do "Dancing Kid" "com uma certa bala em certa testa".

Há as "mortes" de Vienna e Guitar já para aquém da cascata (outras tantas são também as passagens por ela) imobilizados na canção que sempre recordam, começando de servir outros cinco anos.

E assim sucessivamente.

Rever as imagens do **Johnny Guitar** é rever a recordação delas. Para quem o vê pela primeira vez, é ainda de rever que se trata. Porque todas as personagens não fazem outra coisa.

E que revêem elas? Os cinco anos que não vemos, de que nada sabemos de certeza certa, que decorrem entre a saída de Guitar dum *saloon* e a sua entrada noutro. Os cinco anos que deram a Vienna a amargura, a Johnny o cansaço, ao Kid a desesperança, a Emma o recalçamento e o ódio, a Turkey o primeiro amor impossível e, conseqüentemente, a morte possível. Os cinco anos que fizeram aqueles olhos, aquelas vozes, aquele tempo, aquele espaço. Cada um os revê até morrer e os que sobrevivem (Vienna e Johnny) sabem que não revivem coisa diferente "*wherever they go*" "*wherever they stand*".

Johnny Guitar é, um filme construído em *flash-back* sobre uma imensa elipse? Ou é uma imensa elipse construída sobre um *flash* que não pode *come back*? Ou será que é tudo a mesma coisa?

"*Só recordam aqueles que confidenciam, a recordação é uma arte que arranca da solidão e do silêncio*", escrevi há mais de cinquenta anos, sem ainda saber ler nem escrever. Hoje, que tinha obrigação de saber mais, só posso repetir que esta arte recordatória, este filme mítico, este filme-mito (tão, tão diferente da memória) arranca também daí: da solidão e do silêncio.

Trinta anos depois, ou mais - também - Nicholas Ray destruído, cego dum olho, com o cabelo todo branco, tão e tão magro, veio dizer-nos (*We Can't Go Home Again*) que ajudar-nos uns aos outros era a nossa única possibilidade de sobrevivência. Não se passa em vão tantas vezes debaixo daquela cascata. *He hasn't moved*. Percebam-no e amem-no os que também não.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico